

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL

LENDO O E NO CAMPO

NOVA TEBAS

2014

SILVIA CRISTINA MARCONI DE SOUZA

LENDO O E NO CAMPO

Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção da certificação do curso de Especialização em Educação do Campo Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Flávia Motta Lima Guedes

NOVA TEBAS

2014

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	5
3. METODOLOGIA.....	9
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	11
5. CONCLUSÃO.....	12
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	17

LENDO O E NO CAMPO

Silvia Cristina Marconi de Souza

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

RESUMO: Este trabalho faz uma breve análise da história educacional do nosso país e o quanto a educação do campo sofreu um atraso seguindo modelos urbanos. E apresenta a leitura como uma atividade de compreensão e questionamento, fala de sua importância e mostra caminhos que disseminam de forma mais prazerosa por meio dos gêneros textuais.

Palavras chave: Educação do Campo, Gêneros textuais, Leitura.

1. INTRODUÇÃO

Iniciamos aqui relembando Paulo Freire quando diz que:

Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (Freire, 1994 pg.8)

E é justamente este tipo de leitura dinâmica que procuramos desenvolver, pois percebemos o quanto a leitura pode nos ajudar a produzir uma educação emancipatória, onde o sujeito percebe e reage criticamente em todas as situações que o cerca. Poderemos também percorrer caminhos que já deram certo, o que nos dará confiança para trabalhar em busca do melhor para a educação.

Através da diversidade de gêneros o aluno se sente estimulado para partilhar suas leituras com os colegas, podendo ainda, contar com a presença da família e de toda a comunidade escolar nesta troca de conhecimentos.

Portanto acredita-se que este processo estimula mudanças na comunidade, provocadas pelas leituras e participações em espaços sociais, consciência ambiental, reflexão e re-valorização da cultura local, da vida das pessoas, das relações sociais e respeitando a diversidade sociocultural.

Veremos que o trabalho com leitura aqui proposto, faz uso de alguns gêneros textuais que permitem usá-la para a dimensão da interação verbal, onde o aluno não ficará centrado em atividades mecânicas de decodificação da escrita e sim, participará de momentos ativos de verdadeiro aprendizado.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando falamos em fazer da leitura um processo de ampliação cultural, de reafirmação de valores dos povos do campo, e ao mesmo tempo, acesso a conhecimentos comuns as diferentes comunidades. (urbana e rural). Pensamos em tentar reparar, todas as injustiças causadas a eles ao longo de nossa história. Sabemos que como educadores carregamos este importante papel e que a leitura tem o poder de transformação de que muitas vezes tanto precisamos.

Se analisarmos a história educacional de nosso país, percebemos facilmente o quanto foi lenta a percepção da importância da educação do campo. No início ela acontecia baseada no modelo da educação urbana e sempre trazendo esta como superior.e pronta.

A educação rural nunca foi alvo de interesse dos governantes, ficando sempre relegada ao segundo ou terceiro plano, “apêndice” da educação urbana. Foi e é uma educação que se limita à transmissão de conhecimentos já elaborados e levados aos alunos da zona rural com a mesma metodologia usada nas escolas da cidade. (BAPTISTA, 2003,p. 20-21).

Houve um período em que aconteceu a negação das pessoas do campo como verdadeiros cidadãos brasileiros, este abandono aumentou a vontade de mudança para a zona urbana e conseqüentemente o êxodo rural. Como afirma Leite (1999):

A sociedade brasileira somente despertou para a educação rural por ocasião do forte movimento migratório interno dos anos 1910 - 1920, quando um grande número de rurícolas deixou o campo em busca das áreas onde se iniciava um processo de industrialização mais amplo. (LEITE 1999, p. 28)

Na década de 1960, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB n. 4024/61), deixou a educação rural a cargo dos municípios. Na mesma década, Paulo Freire ofereceu contribuições significativas à educação popular, com os movimentos de alfabetização de adultos e com o desenvolvimento de uma concepção de educação dialógica, crítica e emancipatória.

No final dos anos de 1990, aconteceram diversos encontros e movimentos para a discussão desta realidade e a partir destas discussões o poder público passou a reconhecer a necessidade de pensar uma legislação específica de educação aos povos do campo, levando o Conselho Nacional de Educação, por meio da Câmara de Educação Básica, a aprovar, em 2002, as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Resolução CNE/CEB n. 1, de 3 de abril de 2002).

Constata-se, portanto, que não houve, historicamente, empenho do Poder Público para implantar um sistema educacional adequado às necessidades das populações do campo. O Estado brasileiro omitiu-se: na formulação de diretrizes

políticas e pedagógicas específicas para as escolas do campo; na dotação financeira que possibilitasse a institucionalização e manutenção de uma escola com qualidade; na implementação de uma política efetiva de formação inicial e continuada e de valorização da carreira docente no campo. (MEC, SECAD, 2005).

Relendo este histórico, só resta concordar com as ideias de superação deste panorama, pois “As políticas públicas reivindicadas deverão ter como inspiração a superação de estereotipadas e preconceituosas visões do campo e a aceitação de novas visões da sua dinâmica social, política e cultural. [...] as políticas de educação e de formação se debaterão com duas tarefas: de um lado, superar os velhos estilos e as velhas lógicas ainda dominantes na visão e no trato dos povos do campo e, de outro lado, criar novos estilos embasados em novas lógicas e em novas imagens dos direitos dos povos do campo. Políticas atreladas a outro Projeto de Campo no Projeto de Nação”. (ARROYO, 2005, p. 6).

E é justamente neste projeto de nação que se encaixa a ideia de utilizar a leitura como meio de transformação, pois conforme Martins (2006), “a leitura pode ser conceituada como sendo um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas que se dá a conhecer através de várias linguagens”. Portanto, a leitura não se limita apenas à decifração e decodificação de sinais gráficos. É muito mais do que isso: exige do indivíduo uma participação efetiva, levando-o à construção do conhecimento. Assim sendo, aprender a ler passa a ser não só um processo cognitivo, mas também uma atividade social e cultural essencial para criação de vínculos entre cultura e conhecimento.

E aqui não falamos apenas do aprender a ler, mas o gostar de ler e para que isso aconteça de maneira prazerosa foi pensado no trabalho com os gêneros textuais, pois o gênero funciona como “um modelo comum, como uma representação integrante que determina um horizonte de expectativas para os membros de uma comunidade confrontados às mesmas práticas de linguagem” (Schneuwly e Dolz, 1999 p.7). E que o uso dos gêneros como objetos de ensino facilita o processo de produção, por criar esquemas sobre os modelos textuais “esperados” em determinadas situações de interlocução. Partimos da perspectiva de que a escola necessita levar os alunos a se apropriarem dos componentes que fazem dos gêneros textuais instrumentos de expressão e comunicação específicos para contextos sociais diversos.

O texto, portanto, não é uma construção fixa e abstrata, mas, sim, palco de

negociações/produções de seus múltiplos sentidos. Sendo produzidos em situações marcadas pela cultura, assumem formas e estilos próprios, historicamente marcados. E estes textos lidos e produzidos por eles no final do trabalho desempenham justamente este papel, e é isto que enriquece o trabalho e estimula a leitura.

“A leitura traz um sentido novo, realçado pela beleza, pela arte, pelo encanto da palavra, na curiosidade de saber conhecimentos (...) no qual todos somos capazes de ler o mundo.” (BAPTISTA, 2006 p. 44-45)

Segundo Terzi (2001), “o desenvolvimento da leitura não ocorre linearmente, ou seja, de maneira cumulativa, em que a soma do significado das palavras constitui o significado do texto”. Ela ressalta que no processo da leitura, cada palavra funciona como um índice de experiências e conhecimentos adquiridos previamente pelo leitor.

Daí importância de partilhar os prazeres que uma boa leitura nos oferece, assim, acreditamos influenciar novos leitores e criar o hábito da leitura nos que ainda não possuem. Pois concordamos com Paulo Freire, quando diz que:

O que se coloca à educadora ou educador democrático, consciente da impossibilidade da neutralidade da educação, é forjar em si um saber especial, que jamais deve abandonar, saber que motiva e sustenta sua luta: se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante. (FREIRE, 1996.p.70)

Assim, quando pensamos em educação do campo, analisamos todo o processo pelo qual os indivíduos do campo vivenciam diariamente e tentam apagar a ideia do campo como apenas um lugar de produção onde os meios para socialização, cultura e educação não existem. Tentam mostrar o quanto é falsa a visão hierárquica entre campo e cidade plantada à alguns anos, tentam simplesmente mostrar o quanto o campo é fundamental para a vida urbana. E nós, educadores, tentamos ajudá-los através do gosto pela leitura. Porque como afirma Silva (1985, p.23) “a leitura, se levada a efeito, crítica e reflexivamente, manifesta-se como um trabalho de combate a alienação (não - racionalidade), capaz de facilitar ao gênero humano a realização de sua plenitude (liberdade)”.

Nesta perspectiva, a leitura caracteriza-se como uma atividade de conscientização e questionamento, sendo que a função social da leitura é facilitar ao

homem a compreensão e assim emancipar - se dos dogmas que a sociedade lhe impõe, pois, isso só é possível pela reflexão crítica e pelo questionamento proporcionado pela leitura. A autora Magda Soares, também diz algo que reafirma esta ideia:

“os valores da leitura sempre apontados são aqueles que lhe atribuem às classes dominantes, radicalmente diferentes dos que lhe atribuem às classes dominadas. Pesquisas já demonstraram que, enquanto as classes dominantes vêem a leitura como fruição de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a vêem pragmaticamente como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra as condições de vida”. (SOARES, 1988, p.17-29)

Quando conseguirmos despertar esta ideia em nossos alunos e percebermos que eles possuem entendimento sobre o papel da importância da leitura em suas vidas, nosso papel de educadores já estará destinado ao sucesso. Assim, lembrando as palavras do educador Paulo Freire:

Toda a leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior do mundo, e toda a leitura da palavra implica as voltas sobre a leitura do mundo. De tal maneira que “ler o mundo” e “ler palavras” se constituam num movimento em que não há rupturas, em que você vai e volta. E “ler mundo” “é” ler palavras” no fundo, para mim, implicam reescrever o mundo. “Reescrever” com aspas, quer dizer, transformar (FREIRE. 1996).

Reforçando esta ideia de transformação, é que proposto um trabalho diferenciado, ressaltando no dia a dia escolar a importância e o prazer que o ato de ler pode nos proporcionar através de uma gincana intitulada Gincana de Leitura.

3. METODOLOGIA

O presente artigo é resultado de uma vivência, no Colégio Estadual Aníbal Khury E.F.M., da cidade de Iretama/PR. O colégio funciona nos três turnos, atendendo alunos do ensino regular e da Educação de Jovens e adultos. Conta com aproximadamente quinhentos e trinta alunos, sendo duzentos e treze moradores da zona rural.

A maioria dos integrantes da comunidade escolar possui um forte vínculo com o campo, pois, em algum momento de sua vida viveram no campo, ou possuem parentes residindo no meio rural. Assim, mesmo a escola não sendo considerada

uma escola do campo, esta se faz presente, visto que a cidade é pequena e depende diretamente do campo.

No início do ano letivo é feita a divulgação do projeto e dos gêneros a serem desenvolvidos ao longo do ano. Como é um projeto prioritário da escola, a direção apresenta na reunião pedagógica no início do ano aos demais professores para terem ciência e saberem como será sua participação. Na primeira reunião de pais do ano letivo ocorre a divulgação e é solicitado aos pais que apoiem as leituras em casa.

Os gêneros escolhidos procuram atender o plano de trabalho docente de cada série. Este projeto é desenvolvido com as últimas séries do ensino fundamental, do sexto ao nono ano, acredita-se que depois de tomar o gosto pela leitura, os alunos continuarão a ler nos anos seguintes. Os professores participantes são todos de língua portuguesa da escola e a maioria ainda não é concursada, e a cada ano há muita troca, daí a importância de um caminho a ser seguido em relação à leitura, pois quando o professor não consegue se fixar em uma escola é difícil a continuidade do trabalho no próximo ano.

O projeto é desenvolvido em etapas, a saber:

O primeiro passo constituiu na leitura de forma livre, mas sempre com a orientação do professor. Os alunos visitam a biblioteca em um dia da semana e neste momento recebem auxílio na escolha do livro, onde o bibliotecário faz uma seleção e divulgação dos livros mais lidos e entre estes há aqueles títulos que possuem lista de espera. Neste mesmo dia eles devolvem, ou renovam o empréstimo do livro lido e levam outro título.

A leitura do livro escolhido pelo aluno é realizada em sua residência. O aluno possui um limite mínimo de quatro livros a serem lidos por bimestre e estes devem conter as principais informações registradas no caderno de produção textual que é individual e é avaliado todos os bimestres, pois nele contém, além dos registros de leitura, todas as produções escritas durante as aulas do bimestre.

Após as leituras, no término do bimestre, e em data combinada, o aluno opta por uma forma de apresentação de sua leitura que será avaliada pelo professor, e é neste momento, que entra o segredo do sucesso do trabalho, pois ele poderá apresentar os gêneros textuais da seguinte forma: resumo escrito, carta ao autor, carta ao leitor, história em quadrinhos, outdoors, paródia, júri, peça teatral, resumo oral e dança.

E assim, ao final de cada bimestre, a apresentação é feita aos colegas de sala de aula que elegem a melhor apresentação e no final do ano letivo, a melhor apresentação da classe concorre com as outras classes numa grande noite literária onde o júri escolhe a turma vencedora da gincana que geralmente comemora com um passeio da turma num parque aquático da região.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a apresentação dos gêneros textuais no início do ano e sua diversificação é possível satisfazer desde o aluno mais tímido e retraído ao mais extrovertido facilitando assim, o trabalho de incentivo a leitura em busca de uma educação emancipadora, com indivíduos reflexivos que saibam valorizar, sobretudo suas raízes culturais. Foi perceptível que houve momentos valiosos relacionados ao interesse e participação das leituras, como por exemplo, na primeira etapa quando houve fila de espera para a coleção Percy Jackson e os Olimpianos de Rick Riordan. As leituras foram tão envolventes que houve até alguns pais que compraram a coleção para seus filhos lerem dizendo ter se interessado e aprendido muito sobre a mitologia grega. Em todas as turmas houve algum gênero textual apresentado à partir de suas leituras, como por exemplo o gênero história em quadrinhos que segue em anexo.

No momento da escrita também foi possível observar uma preocupação com a qualidade do que estava sendo escrito, pois como diz Irandé Antunes, “uma escrita de textos têm que ter leitores”. Quando há esta preocupação percebemos que as ideias não partem do acaso, melhorando e muito a qualidade do que é escrito.

Na opção do gênero carta ao leitor houve diversos textos em que se percebia claramente a criticidade aguçada em relação as obras lidas. Podemos ressaltar aqui as obras de Domingos Pellegrine Terra Vermelha e Notícias da Chácara que tiveram bastante procura após a apresentação de alguns textos que mostravam claramente a ligação do autor com a terra.

Durante as apresentações foi possível lembrar As Diretrizes Curriculares da Educação Básica quando dizem que “Ao ler, o indivíduo busca as suas experiências, os seus conhecimentos prévios, a sua formação familiar, religiosa, cultural, enfim, as várias vozes que o constituem.”, neste momento, foi perceptível que a escolha do

gênero a ser apresentado contava muito da personalidade do aluno e da sua maneira de criação, assim como, seus valores e crenças.

Por fim, em relação à noite literária, vale lembrar que foi a colheita dos frutos de uma leitura motivada, pois segundo Irandé Antunes

Tudo que fazemos está preso a um interesse qualquer. Não pode ser diferente quando se trata da leitura, sobretudo quando se trata da leitura feita na escola. (Antunes, 2003, pg.80)

Com isto, foi possível alcançar o objetivo da leitura que transforma e humaniza, pois nestas atividades ela foi usada como instrumento retratando realidades não reveladas pela ideologia dominante, auxiliando assim os alunos do campo e da zona urbana para que saibam articulá-la com a realidade e a cultura, compreendendo criticamente e demonstrando esta compreensão com criatividade.

Com esta proposta reafirmamos no dia a dia escolar que a leitura é a nossa principal fonte de crescimento e não deve ser colocada como imposição e transformada em obrigação, Daniel Penac, afirma em seu livro Como um Romance que “o verbo ler não suporta o imperativo” Se a transformamos em obrigação ela se torna um fardo pesado demais para o aluno. Para despertar o gosto pela leitura e garantir o desejo de se ler com prazer e por prazer, o aluno, passa a visualizar essa prática como algo natural e imprescindível para o seu crescimento. E é com a ajuda dela que nossos alunos da cidade ou do campo, conseguirão caminhar rumo a uma verdadeira democracia de direitos igualitários, exercendo nossa cidadania, transformando a nós mesmos e a realidade que nos cerca.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que através desta gincana de leitura, os alunos possuem a chance de através do lúdico, desfrutar momentos de leitura com prazer e principalmente compreender que ler não consiste apenas em decifrar códigos gráficos, é preciso ter uma postura crítica, aprofundar-se no conteúdo e identificar as ideias expostas pelo autor. As aulas de língua portuguesa se tornaram mais interessantes, os momentos de produção foram mais ricos, e no fim houve um envolvimento positivo de toda a comunidade escolar.

Lembrando que, Aguiar e Bordini afirmam:

Quebrando-se o sentido de obrigatoriedade, a leitura perde o ranço de disciplina escolar, para se converter em ato espontâneo e estimulante, desencadeador de momentos aprazíveis. Se os textos devem agradar ao leitor, as atividades de exploração dos mesmos estão comprometidas com o fortalecimento desta reciprocidade e não com o seu esvaziamento. (AGUIAR e BORDINI, 1993, p.26).

Dessa forma, faz-se necessário desmitificar a leitura na escola como algo, cansativa e sem fim social, é importante priorizar este ato como sendo de extrema relevância em todas as disciplinas, visto que a leitura como produção humana está ligada à vida social, promovendo transformações tão necessárias ao nosso alunado num todo, mas principalmente os do campo que conseguem a partir de atividades como esta entender o poder de transformação que possuem. Daí a importância de se desenvolver projetos assim todos os anos que possam envolver toda a comunidade escolar.



Paródia:

Música original: Como noite e dia

Compon: Joraj e Mathew

Paródia: Os Sete semi-deuses

Livro: Coleção os Heróis da Olimpo

Autor: Rick Riordan

Aluna: Gabriela n: 16 - 9: A

Os sete semi-deuses

O deus do céu

E a deusa da terra começaram

A maior briga

que já teve desde a criação.

Gaia criou então

gigantes pra lutar

um trono na Olimpo

queriam conquistar.

Os deuses não podendo

derrotá-los sozinhos então

selecionaram semi-deuses

para entrar em ação

Os sete melhores

puderam participar

As guerras dos gigantes

já vão começar.

Refração: Percy, Annabeth, Jason, Piper

Royl, Frank e Leo foram

escolhidos pra lutar

pelo deus do céu.

Uniram guerreiros e monstros

para esta missão

para evitar que o mundo

terminasse em destruição.

O que mostrei aqui foi o

resumo dessa coleção

E se ficou curioso

leia o livro então.

Carta ao autor
Livro: notícias do choro
autor: Domingos Pellegrini

Bretanha 18 de abril de 2013
Aluno: matheus dos santos

Bom dia querido autor Domingos Pellegrini.
Acabei de ler seu livro notícias do choro e gostei muito de saber que você também gosta muito de lidar com o terra. mora num sítio e aprendi muito com os seus histórias. Também pude ensinar muito, como por exemplo, quando li sobre o momeiro que você usou o tronco de brombeiro em uma lona pra plantar. achei o ideia interessadíssimo, ensinei para minha mãe que vive usando vasos de brombeiro agora no horto dela.

Sempre que chove e calço minha lista pra andar por aí, lembro de você dizendo do alvito e levanta pra arrancar o mato que não pra de crescer e foga o mesmo.

me diverti e aprendi muito com seus histórias. Achei legal ler sobre alguém que gosta das mesmas coisas que eu. do terra. gostaria de conhecer mais sobre seus e fo te esperando pra ler algumas que meus colegas falaram.
Até o próximo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor**: 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993
- ANTUNES, Irlandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARROYO, Miguel Gonzáles. **Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia;
- BAPTISTA, Francisca Maria Carneiro. **Histórias do Projeto Baú de Leitura**. In: **Baú de Leitura: Lendo Histórias Construindo cidadania**, 1º Ed., Feira de Santana-2006
- BAPTISTA, Francisca Maria Carneiro. **Educação rural: das experiências à política pública**. Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural – NEAD/Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável / Ministério do Desenvolvimento Agrário, Editorial Abaré, 2003. (Série Debates e Ação. V 2).
- CALDART, R.S. **Pedagogia do Movimento Sem-Terra**. Petrópolis: Vozes, 2000 .
- Diretrizes Curriculares da Educação Básica** de Língua Portuguesa do Estado do Paraná.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. 29ª ed, São Paulo: Cortez,1994.
- FREIRE, Paulo & BETO. Frei. **Essa escola Chama Vida**: depoimento ao repórter Ricardo Kotscho. São Paulo. Ática, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 18ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- KLEIMAN, C. **Oficina de Leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. .
- LEITE, Sérgio Celani. **Escola rural: urbanização e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez,1999..
- MARTINS, Maria Helena **O que é leitura**: São Paulo: Brasiliense, 2006
- SCHNEUWLY, Bernard e DOLZ, Joaquim. **Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetivos de ensino**. Revista Brasileira de Educação. Nº 11-5-

17.1999.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papirus, 1985

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998b.

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados** – Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2001.